

A CIDADE DOS ARTESÃOS OU OS DOIS CORCUNDAS

peça para adolescentes  
em 3 atos e 4 quadros.

de T. GABBO

baseada numa lenda mediaval belga.

adaptação de TATIANA BELINKI

personagens:

DUQUE DE MALICORNS - Vice-Rei e governador de um Monarca estran-  
gairo, que conquistou a Cidade dos Artesãos;  
GUILHERME GOTTSCHALK - Conselheiro secreto do Duque;  
MOUCHERON - Burgomestre nomeado pelo Duque;  
NANASSE MOUCHERON - Apelidado "CLIQUE-CLIQUE" filho do Burgomestre;  
MESTRE FIRENE - Presidente da Corporação dos Tecelões - Digno, sério;  
VERÔNICA - Sua filha;  
MESTRE MARTIM - apelidado "Martim Pequeno" - presidente da Corpora-  
ção dos armeiros, Grande, forte, valente;  
MESTRE NINOCHE - Presidente da Corporação dos doceiros;  
GILBERTO - apelidado "CARACOL" - varredor de rua;  
VOVÔ TAFFAREAU - Velha adivinhadeira;  
TIMOLLE - Um garoto da cidade;  
MORADORES DA CIDADE  
SOLDADOS DO DUQUE

SBAT  
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS  
Sucursal do Rio Grande do Sul  
Rua dos Andradas, 1234 - Conj. 1407 - Edif. Santa Cruz - P. Alegre

S. B. A. T.  
Peça liberada exclusivamente para  
*Atelier de Teatro*  
e para fins de Censura. Sua apre-  
sentação em teatro, rádio, televisão,  
e outros meios de comunicação, depen-  
de do pagamento prévio dos direitos  
autorais.

P. Alegre, 12 de 3 de 1969

LIVRE



S. B. A. T.

( O TELÃO ESTÁ FECHADO. SÔBRE ÊLE SE VÊ, PINTADO OU APLICADO, O BRASÃO DE ARMAS DA LENDÁRIA CIDADE MEDIEVAL. NO MEIO DO ESCUDO, EM CAMPO DE OURO, UM LEÃO DE JU BA OPULENTE COMPRIME ENTRE AS GARRAS UMA SERPENTE COLEANTE. DE TRÁS DA CORTINA, SAI PARA O PROSCÊNIO A VOVÓ TAFFAREAU. ELA OLHA PARA A PLATÉIA, DEPOIS EXAMINA O ESCUDO SÔBRE O TELÃO, E VOLTA-SE NOVAMENTE PARA OS ESPECTADORES).

VOVÓ TAFFAREAU - Em que tempo foi isso?

Em que terra se deu?

Difícil sabê-lo agora:

Pois datas e lêtras

Nos muros daqui

O tempo levou-as embora

Mas se o tempo implacável

Borrou inscrições,

A lenda vetusta persiste -

A lenda que contar que neste lugar,

À sombra do escudo nativo,

Aqui nesta praça a luta ferveu,

Do povo outrora cativo

Contra a opressão, pela honra e a paz.

Por um viver livre e altivo!

Eis o que poderia lhe contar êste leão de prata no escudo da cidade. Mas como êle não sabe falar, serei eu quem lhes contará a história. Vocês sabem quem sou eu? A gente me chama de Vovó Taffareau. Eu tenho um baralho de cartas antiqúissimo: a única herança que me deixou minha mãe, quando ela morreu. Mas que cartas são essas! Eu não as trocária nem mesmo por um saco de ouro. Olhem aqui estão elas! (MOSTRA BARALHO DE VELHAS CARTAS GRANDES) Basta que eu as embaralhe e as espalhe na minha frente, e eu vejo, como num espelho, tudo o que o futuro reserva aos homens. Vocês não acreditam? Não? pois os moradores da Cidade dos Artesãos, que se ocultam atrás desta cortina, acreditavam nas minhas profecias e muitas vezes vinham me procurar para conselhos ... Vocês sabem que essa ve lhíssima cidade se chama "Cidade dos Artesãos"? Porque os cidadãos que vivem ne la sabem fazer tudo. São verdadeiros mestres do seu ofício. Lavram utensílios de bronze e de cobre, forjam espadas e lanças, tecem tecidos maravilhosos, enta lham madeira e pedra. E que rendeiras nós temos! Elas sabem tecer rendas mais finas que teias de aranha. E que doceiros! Êles sabem fazer bolos recheados de música e pombinhas brancas que saem em revoada quando se põe o bolo a mesa! Ma ravilhosa e lendária cidade dos Mestres-Artesãos!

Mas ... eu nem sei como contar-lhes sôbre a grande desgraça que se abateu sôbre a nossa cidade. Tenho medo de falar! Pssst... Que não nos escutem os sol dados invasores! Êles rondam pelas nossas ruas, e quando ouvem alguém falar mal do seu rei ou do seu duque, seu vice-rei e representante, que, à força e com as túcia, subjogou nossa cidade, êles agarram quem falar e o encerram na Torre do Silêncio. A Torre do Silêncio tem muros sem janelas e está cercada por um fosso profundo, cheio de água ... É fácil ir parar naquela torre, mas sair dela não é

mais fácil do que sair da sepultura. E pensar que ainda não faz um ano que nós vivíamos em liberdade e alegria, não curvávamos a espinha diante de ninguém! Os inimigos abateram-se sobre nós de surpresa ... Quase todos que ousaram erguer a espada contra eles, eles mataram, expulsaram da cidade ou atiraram na Torre do Silêncio. Desde então, as nossas ruas andam quietas e desertas. A gente deixou de rir, de dançar e de cantar suas alegres cantigas. Todos olham com medo para o castelo onde como um corujão no ôco vive o próprio tirano, o duque, vice-rei e preposto do monarca conquistador. É ele que emite todos os decretos sobre penas de morte e multas. Mas que aspecto ele tem - isso ninguém sabe.

Nenhum dos habitantes da cidade ainda lhe viu o rosto ... Eis, meus amigos, que desgraça se abateu sobre a nossa cidade. Mas, parece que estou falando demais. O sol já nasceu. É melhor eu sair daqui, antes que me percebam os soldados do tirano. (ELA SAI. O TELÃO SE ABRE. CENÁRIO DE PRAÇA DE UMA CIDADE MEDIEVAL, MADRUGADA FRESCA. SOBRE A PRAÇA DÁ O CASTELO DO DUQUE E ALGUMAS CASAS DE ARQUITETURA MEDIEVAL, COM SALIÊNCIAS E BALCÕES. NOS ARCOS, NICHOS E PORTAIS FICAM AS BARRAQUINHAS DOS VENDEDORES DE RUA, QUE AINDA ESTÃO VAZIAS. DIANTE DOS PORTÕES GRADEADOS DO CASTELO FICA A SENTINELA, ARMADA DE ESPADA E ALABARDA. HÁ UMA ÁRVORE JUNTO DE UMA DAS CASAS. ALÉM DA SENTINELA, HÁ SÓ MAIS UM HOMEM NA PRAÇA - É O CORCUNDA "CARACOL", O VARREDOR. ELE É JOVEM, ÁGIL E IMPETUOSO, APESAR DO DEFEITO. TEM UM ROSTO BELO E ALEGRE. ALGUMAS PENAS COLORIDAS ESTÃO ESPETADAS NO SEU CHAPÉU, E O JALECO ESTÁ ENFEITADO COM UM RAMO DE MACIEIRA FLORIDO. (CARACOL VARRE A PRAÇA CANTANDO)(MÚSICA DE "MINHA ENXADINHA").

CARACOL - (cantando)

Minha vassoura  
trabalha bem  
Varre a calçada,  
A rua, a praça,  
Num vai e vem.  
Minha vassoura  
trabalha bem  
Varre o entulho  
Remove o lixo  
Num vai e vem  
Num vai e vem.

(A SENTINELA BATE COM A CABO DA ALABARDA NO CHÃO, AMEAÇADOR, PORQUE O CARACOL DEU UMA VARRIDA BEM JUNTO DOS SEUS PÉS, E DESVIOU NA HORA "H").

CARACOL - (INTERROMPE A CANÇÃO) Ah, agora é assim? Nem se pode cantar durante o trabalho? Quem sabe o sr. duque proibiu também os pássaros de cantarem? (PRESTA ATENÇÃO, OUVI-SE O TRINAR DE PASSARINHOS) Não, eles, cantam como sempre. Sô os passarinhos é que permaneceram livres na nossa cidade. Tudo mudou aqui, no último ano ... Esses invasores tão relaxados! Esta praça ficou irreconhecível desde que eles apareceram por aqui! Mas não faz mal, nós vamos varrer tudo isso, varrer tudo isso ... Dia chegará, e vamos varrer todo o lixo, e novamente tudo ficará limpo e bom. (VAI SE APROXIMANDO PASSO A PASSO DA SENTINELA E VARRE BEM JUNTO DOS SEUS PÉS) Não quer se dignar afastar-se um pouquinho, respeitável estrangeiro? (A SENTINELA AMEAÇA-O COM A ALABARDA) Não quer? Como quei

ra. O lixo ao lixo. (O RELÓGIO DO CASTELO BATE HORAS. QUASE SIMULTANEMANETE ABRE-SE A BARRACA DO DOCEIRO NINOCHÉ. SÔBRE A BARRACA PENDE O SEU EMBLEMA, UMA GRANDE RÔSCA DOURADA. PERTO DALI ABRE-SE UMA PEQUENA CORTINA ESCURA, QUE COBRE O NICHÔ ONDE ESTÁ SENTADA A VOVÓ TAFFAREAU, QUE ESTÁ EMBRULHANDO AS SUAS CARTAS ENQUANTO ALGUMA COISA FERVE DENTRO DE UM PEQUENO CALDEIRÃO).

NINOCHÉ - Bom dia Vovó Taffareau! Ah, o Caracol também está aqui!

VOVÓ - Bom dia, bom dia! Repare só, Metre Ninoche, como o nosso Caracol se en-  
feitou hoje! Que feriado está celebrando, Caracol?

CARACOL - O feriado não é lá muito grande, Vovó Taffareau - é tão sômente o meu  
aniversário.

VOVÓ - Mas é mesmo! Como é que eu fui esquecer? Dezoito anos atrás, no mesmo  
dia, na mesma hora, nasceram os dois, tu e aquêle outro, como era mesmo  
o nome dêle, o tal que apelidaram de Clique-Claque?

NINOCHÉ - A senhora decerto está se referindo ao Nanasse, o filhote do nôvo bur-  
gomestre Moucheron ?

VOVÓ - Aquêle mesmo ... Nasceram dois garotos - só que um dêles veio a ser um  
homem - e o outro um ... "Clique-Claque". Bem, bem recebe meus parabéns,  
Caracol, pelo teu aniversário.

CARACOL - Muito obrigado, Vovó Taffareau.

NINOCHÉ - E recebe os meus parabéns também, amiguinho Caracol! Que vivas muitos  
anos e sempre cantarolando tuas canções. Deixa-me oferecer-te um dos  
meus bolos hoje!

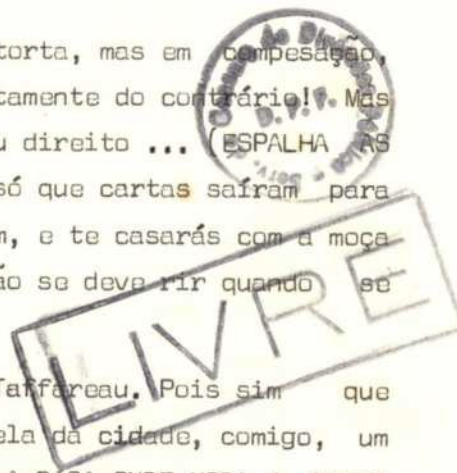
CARACOL - Obrigado, titio Ninoche! E que bôlo Vovó Taffareau, prove um pedaço do  
meu bôlo de aniversário!

VOVÓ - Obrigado, meu filho! E eu quem nem tenho nada para te dar de presente!  
Que tal se eu lesse a tua sorte, no dia dos teus anos?

CARACOL - Ler a sorte para que, Vovó Taffareau? A gente quer ler a sorte para a  
divinhar a felicidade, mas a minha felicidade está sempre comigo igual  
à corcunda nas minhas costas!

VOVÓ - O que é certo é certo. Tu podes ter a espinha torta, mas em compensação,  
a tua alma é direita. E olhe que há casos exatamente do contrário! Mas  
deixa-me ver que destino será o teu: - torto ou direito ... (ESPALHA AS  
CARTAS NA MESA) Isso ... assim ... Ora vejam só que cartas saíram para  
ti, e então? Tu serás feliz e serás belo também, e te casarás com a moça  
mais formosa da cidade. Mas não te rias não! Não se deve rir quando se  
deita a sorte!

CARACOL - Já é melhor que rir em vez de chorar, Vovó Taffareau. Pois sim que  
ela vai querer casar comigo, a moça mais bela da cidade, comigo, um  
varredor corcunda! (ELE SE VOLTA PARA OLHAR A CASA ONDE MORA O PRESI-  
DENTE DA COPDRAÇÃO DOS TÊXTEIS. NESSE INSTANTE APARECEU A PORTA A FI-



LHA DO MESMO, VERÔNICA, CARACOL TIRA O CHAPÉU E CUMPRIMENTA, CURVANDO-SE. ELA RESPONDE COM UM MENEIO DE CABEÇA, SIMPÁTICO).

VOVÓ - Quem sabe tu nem sempre serás varredor, A vassoura não está grudada na tua mão, está ?

CARACOL - Não - mas a corcunda está grudada nas minhas costas, para sempre.

VOVÓ - Pode ser assim, e pode ser que não ... aqui as minhas cartas dizem que nem corcunda tu serás mais.

NINOCHE - Ai, Vovó Taffareau, olhe que está passando da conta!

VOVÓ - Quem viver, verá.

CARACOL - E quando é que ela vai cair fora, a minha corcunda?

VOVÓ - Quando, quando ... Pois sim que vou te contar tudo ...

CARACOL - Por favor - por causa do meu aniversário!

VOVÓ - Por causa do teu aniversário ? pois bem, assim seja, ouve: "Quando o pequeno tirar a espada da mão do grande, e a sepultura levar o corcovado, então tu e a tua cidade, ambos ficareis livres da corcunda".

CARACOL - Então é assim! Quer dizer que o corcovado tem que esperar a sepultura que o endireite ... E até lá, tem que andar corcunda mesmo. Ora, que seja, eu já estou acostumado ... Obrigado Vovó, pelas boas palavras.

VERÔNICA - (DO BALCÃO) O Caracol, então não sabe que não se agradece pelos vaticínios das cartas? Senão a coisa não acontece. Mas aproxima-te Caracol, por que não apareces a tanto tempo? Tôda a cidade está com saudades de ti. Chega a manhã, e ninguém canta na rua. Chega a noite e ninguém ri. Onde é que tu andaste sumido ?

CARACOL - Estive no bosque onde crescem as minhas vassourinhas. Cortei tantos gravetos que dá para varrer todo o lixo da cidade. (ACENA COM A CABEÇA NA DIREÇÃO DA SENTINELA) Mas eu trouxe êste raminho para a menina Verônica.

VERÔNICA - Obrigada, Caracol. (CARACOL, SUBINDO NUMA SALIÊNCIA DA FACHADA, ESTENDE O RAMO A VERÔNICA. DETRÁS DA CASA SURGE TIMOLLE, UM MENINO DE UNS DOZE-TREZE ANOS)

TIMOLLE - Bom dia, Caracol! Vais me levar amanhã no bosque quando fôres buscar gravetos ? Tu prometeste!

CARACOL - Ah, é Timolle! Bom dia, garôto. Claro que vou te levar, é só eu estar vivo.

VERÔNICA - Eaa mim tu prometeste inventar uma modinha nova, Caracol. Ou quem sabe não tiveste tempo de compô-la?



CARACOL - Oh, não, menina Verônica, eu sempre tenho tempo para tudo. Só tenho receio que alguém não vá gostar da minha cançãozinha.

VERÔNICA - Quem? eu ?

CARACOL - Não, o seu vizinho, aquele que se oculta no nosso castelo. Ora, também não é possível agradar a todos ao mesmo tempo! Ouça! (CANTA)

Que se esconde em segrêdo,  
De si mesmo tem mais medo  
A serpente em sua toca,  
A coruja no seu buraco,  
E o preposto do invasor  
No castelo que usurpou!

(ENQUANTO ELA CANTA, ENTRA NANASSE, filho do nôvo burgomestre, Mouche ron, APELIDADE CLIQUE-CLIQUE. ELE É MUITO ALTO E MAGRO, e DESAJEITADO, DE FEIÇÕES ABOBALHADAS, E ESTÁ LUXUOSAMENTE TRAJADO, COM FIVELAS E PRESILHAS BRILHANTES NO CHAPÉU, NO CINTO E NOS SAPATOS. VENDO CARACOL, ELE PRESTA ATENÇÃO. VERÔNICA REPARA NÊLE)

VERÔNICA - Psst! Olha para trás Caracol!

CLIC-CLAC - Bom dia formosa Verônica! Para que êste corcunda se encarapitou em vosso balcão ?

VERÔNICA - Êle me trouxe êste raminho aqui.

CLI-CLA - E por causa d'êste raminho êle subiu tão alto? Não, êle estava cantando alguma coisa no vosso ouvido! Eu escutei! Toma cuidado, Caracol, vais despencar daí, e outra corcunda vai te nascer no corpo!

CARACOL - Não receies por mim, cara Clique-Clique. Eu sei não só subir para o alto, sei também descer quando preciso. (SALTA ÁGIL E LEVE, DA SALIÊNCIA DA PAREDE DIRETO SOBRE OS OMBROS DE CLIQUE-CLIQUE, E DEPOIS PARA O CHÃO).

CLI-CLA - (CURVANDO-SE) AI !

CARACOL - Estás vendo como é simples? Mas será que o nôvo burgomestre, teu pai, saberá saltar para baixo com a mesma facilidade? Olha que êle se encarapitou muito alto, o nôvo burgomestre ...

CLI-CLA - Cala-te, lêsma corcovada! Meu pai foi nomeado burgomestre pelo próprio Preposto do conquistador da cidade! E por estas cantigas tu, poderás ir parar ...

CARACOL - Onde ?

CLI-CLA - Já se sabe onde - na Torre do Silêncio.

VERÔNICA - Sabes duma coisa, Clique-Clique ? Farias bem se te retirasses para bem longe da minha casa. Adeus! (FAZ MENÇÃO DE ENTRAR)

CLI-CLA - (LAMENTA-SE) Formosa Verônica! Não vos retireis. Perdoai-me. Hoje é dia de grande festa para mim - o meu aniversário.



VOVO - O que é certo é certo. Faz hoje dozoito anos que nasceu êste coitado.

CLI-CLA - Como te atreves a me chamar de coitado velhota? Parece que nesta cidade não existe ninguém mais rico do que nós, os Mouchérons. Olha só quantos relógios eu tenho - de ouro, de prata, de brilhantes!

VOVO - Pode ser que o relógio seja de ouro, mas a cachola, esta é de latão.

CLI-CLA - Por que estás sempre me insultando? Ora sou coitado, ora sou de latão ... Não quero te escutar mais! (CONSULTA O RELÓGIO) Epa! O tempo voa! Preciso voltar para casa - trocar de roupa para o almôço: o próprio senhor Guilherme prometeu vir - o conselheiro secreto do próprio Vice-Rei do conquistador!

VERÔNICA - Então é assim! Sua Excelência o próprio sr. Guilherme Gottschalk? E vós já tiveste tempo de entabular amizade com êle?

CLI-CLA - Então! E como!

CARACOL - (DÁ UMA VARRIDA ENFEZADA) O lixo ao lixo.

CLI-CLA - O que é que estás resmungando aí ?

CARACOL - Nada. Estou varrendo a rua.

CLI-CLA - Mentira! Repete o que disseste ?


VERÔNICA - Não te zangues, Clique-Claque. Em vez disso, conta-nos - é verdade que o sr. Guilherme tem uma espada mágica?

CLI-CLA - É verdade sim. Eu mesmo vi esta espada - ela tem uma inscrição misteriosa gravada nela.

VOVO - E tu lêste esta inscrição ?

CLI-CLA - Claro que li. A inscrição na espada mágica diz assim. Como era mesmo? Ah, já me lembro: "Entorto o direito. Endireito o torto. Levanto o tombado". Eu acho que tôda a fôrça mágica dessa espada está nessa inscrição. Só que não entendo o que ela significa. E meu pai também não entende.

VOVO - "Entorto o direito. Endireito o torto. Levanto o tombado." É preciso não esquecer isto.

CLI-CLA - Não esquecer isto? Ora essa, para quê ? Que é que tu tens a ver com uma espada de cavaleiro, mendiga velha? Conheces o teu lugar -  - ou cajado e tuas cartas!

VOVO - Para mim, o meu cajado vale mais que a tal espada de cavaleiro. Pelo menos o cajado serve para dar apoio.

CLI-CLA - Que é isso, enlouqueceste, velha ? Mas será que compreendeste que espada é aquela? É a Gaiana Invencível - é isso mesmo que ela se chama.

VOVO - Espadas mais fortes que esta já foram arrebatadas de mãos indignas.

CLI-CLA - Mas se a espada é mágica - é encantada!

VOVO - A espada pode ser mágica - mas as mãos não são!

CLI-CLA - (ZOMBETEIRO) Quem sabe és tu mesma velha, que vais querer lutar com o sr. Guilherme ?

VOVO - Há de surgir alguém mais forte que eu.

CLI-CLA - Nesta cidade não existe ninguém mais forte do que o Vice-Rei o sr. Guilherme!

CARACOL - Será que esqueceste o Martin-Pequeno - O presidente da corporação dos Armeiros?

CLI-CLA - Martin-Pequeno? Ha, ha ! Bastará que o sr Guilherme ponha a mão nos copos da sua espada, que de vosso Martin-Pequeno não ficará nem sombra!

CARACOL - Pena que Martin-Pequeno não esteja aqui para te ouvir. Ele te faria uma carficia na cabecinha, por estas palavras. E a mão d'ele é pesada.

CLI-CLA - Na cabeça - a minha cabeça ? A cabeça do filho do burgomestre?

CARACOL - Grande coisa! A minha vassoura também pode ser nomeada burgomestre, se ficar dia e noite lambendo as botas de Vice-Rei

CLI-CLA - O que?! Mas como é que te atreves, corcunda desgraçado? Vamos, repete o que disseste! Eu vou me lembrar direitinho! Repita! Repita!

VERONICA - Ora, deixai disso! Será que tu não compreendes uma pilhéria, Nanasse Moucheron?

CLI-CLA - Pilhérias d'este tipo podem custar uma cabeça!

VERONICA - Acalma-te, Moucheron, acalma-te! Conta-nos melhor alguma coisa sobre o Vice-Rei. Que tal é êle? Tu já o viste em pessoa?

CLI-CLA - Ninguém viu o Vice-Rei em pessoa. Então Sua Alteza iria andar pela rua a pé? Êle vai carregado numa liteira fechada, enfeitada de ouro. E ao lado da liteira caminham os soldados da guarda e o sr. Guilherme com a sua espada mágica.

VERONICA - E será que o Vice-Rei não vai se mostrar nem mesmo na Festa da Primavera?

CLI-CLA - Êste ano não haverá Festa da Primavera.

VERONICA - Como assim, não haverá festa? (VOLTA-SE PARA DENTRO E GRITA) - Pai tu ouviste isso? Não vai haver Festa da Primavera! (OS TRASEUNTES, NA PRAÇA, PARAM - ENTRA O PAI DE VERONICA, MESTRE FIRENE)

FIRENE - Quem disse que não haverá Festa da Primavera ?

VOVO - Foi êste môço aqui - Clique-Claque.

1º TRANSEUNTE - Esta agora, que novidade!

2º TRANSEUNTE - Será possível que não haverá Festa da Primavera?





FIRENE - E quem foi que inventou de abolir a Festa da Primavera ? Não terá sido o teu paizinho Moucheron, o nôvo burgomestre?

CLI-CLA - Foi êle - isto é, não foi êle - foi Guilherme, quero dizer o sr. Guilherme... Não também não é isso ... estou todo confuso ... Não foi o sr. Guilherme, mas sua Alteza, o próprio senhor Vice-Rei do conquistador ordenou a Guilherme que abolisse a festa, porque o barulho e as danças nesta praça lhe pertubariam o sono. Entendestes ?

NINOCHE - Será a primeira primavera sem festa! Até que ponto chegamos!

FIRENE - E não disse mais nada, o vosso Guilherme ?

CLI-CLA - Não ... isto é, sim ... falou, naturalmente, mas é que eu esqueci o que êle falou.

VOVÔ - Mas por que fazeis perguntas a êle? Como é que êste coitado pode lembrar-se de tudo?

CLI-CLA - És tu velha, que não te lembras de nada, eu me lembro de tudo! O sr. Guilherme disse que vai pôr gente na cadeia por causa dos chapéus.

CARACOL - Por causa dos chapéus - na cadeia ?

CLI-CLA - Sim, sim - por causa dos chapéus! Quem não tirar o chapéu diante do sr. Vice-Rei ou do sr. Guilherme, irá imediatamente para as grades.

NINOCHE - Até agora nós tirávamos o chapéu diante dos mortos. E êstes dois srs. ainda não se despacharam para o outro mundo. Que faremos agora ?

CARACOL - Se um homem tem uma cabeça nos ombros e não só um chapéu na cabeça, encontrará uma solução (SOBE NUMA ÁRVORE E AGITA-SE ENTRE DOIS GALHOS) Que um pássaro faça ninho no meu chapéu! E agora, como é que vão me cobrar? Quem não tem chapéu, não pode tirá-lo diante de ninguém.

TRANSEUNTE - Caracol, Caracol pendura também o meu num galho.

VOZES - O meu também. O meu também! Apanha, Caracol! (DE TODOS OS LADOS VOAM CHAPÉUS PARA AS MÃOS DE CARACOL, QUE OS VAI APANHANDO E PENDURANDO NOS GALHOS DA ÁRVORE).

VERÔNICA - Pai, queres que traga o teu chapéu também?

FIRENE - Que é isso, minha filha! Onde já se viu que, no chapéu do antigo burgomestre, do presidente da corporação dos têxteis, um côrvo ou uma gralha faça o seu ninho? Porém ... ora essa, se é assim, que assim seja! Traze também o meu chapéu! (VERÔNICA SAI CORRENDO, VOLTA COM O CHAPÉU DO PAI)

VERÔNICA - Afí vai, Caracol, apanha!

CARACOL - Ah, mas êste chapéu aqui vou pendurar no galho mais alto! Assim! (EXAMINA SUA OBRA, SATISFEITO) E não ficou bem enfeitado o nosso velho casanheiro? E tu, então, Clique-Claque ? Onde queres que eu pendure teu chapéu ?



CLI-CLA - (SEGURANDO O CHAPÉU NA CABEÇA COM AMBAS AS MÃOS) Eu não entrego o meu chapéu!

NINOCHE - E para que precisas dêle?

CLI-CLA - Sei eu lá o que êsse corcunda inventa! Eu vou andar de chapéu. Eu sou o filho do Burgomestre (RUFAR DE TAMBORES - A SENTINELA DO CASTELO SE PERFILA. PARA A PRAÇA, DO LADO OPOSTO AO CASTELO ENTRA UMA PROCISSÃO - UM TAMBOR, ATRÁS DÊLE DOIS HOMENS DE COURAÇA, DEPOIS UMA LITEIRA RICA FECHADA DE CORTINAS CERRADAS, ATRÁS DELA MAIS DOIS DE COURAÇA. AO LADO DA LITEIRA CAMINHA UM HOMEM ALTO E TACITURNO, DE TRAJE ESCURO E CAPA ESCURA. É GUILHERME. ÊLE ERGUE UM BRAÇO E A PROCISSÃO SE DETÉM IMEDIATAMENTE. FAZ-SE UM SILÊNCIO TOTAL NA PRAÇA)

GUILHERME - O que é isto? O que se passa aqui? (SILÊNCIO GERAL) Por que êsses chapéus na árvore?

CARACOL - (DA ÁRVORE) É uma tradição aqui da cidade, excelência, de oferecer os chapéus as aves da primavera, para fazerem os seus ninhos para os seus futuros filhotes.

GUILHERME - Tradição estranha ... (INCLINA-SE, ENTREABRE A LITEIRA E SUSSURRA ALGUMA COISA A QUEM ESTÁ ALI DENTRO. DEPOIS, ENDIREITANDO-SE, PERGUNTA SEVERO)

GUILHERME - Como se chama aquêles homem que está no alto da árvore?

CARACOL - Eu sou Caracol, o varredor, excelência.

GUILHERME - Se és varredor, por que estás na árvore?

CARACOL - É uma tradição dos varredores.

GUILHERME - Outra vez uma tradição?

CARACOL - Pois é. É porque nossas vassouras crescem nas árvores. Por isso acontece que nós temos que andar marinhando pelos galhos, para quebrar gravetos. A gente quebra uma porção de ramos finos, amarra num feixe, ajeita num cabo e pronto, temos a vassoura para varreremos a rua (RISADAS ABAFADAS NA MULTIDÃO).

GUILHERME - O que pensas que estás fazendo? Rindo de nós? Quem te deu licença de quebrar os ramos da árvore que está na frente do castelo de Sua Alteza? Vais responder por isso, vilão! E não apenas tu, mas todos os que se encontram nesta praça! (AOS SOLDADOS DE COURAÇA) Avante, prendei êste aqui - e aquêles, aquêles outro! (INDICA COM O DEDO, A ÊSMO)

CLI-CLA - (PRECIPITA-SE PARA ÊLE) Excelência! Será que não me reconheceste?

GUILHERME - (EXAMINA-O FIXAMENTE DURANTE ALGUNS MOMENTOS) Prendei-o! (OS SOLDADOS O AGARRAM) Segurai-o bem. Tudo indica que é êste o principal responsável. Todos os outros estão sem chapéu, só êle se atreve a ficar diante da liteira de Sua Alteza, sem tirar o chapéu da cabeça.

CARACOL - Estás vendo, Cli-Claque! Bem que te disseram. Tira o chapéu! Mas tu não quiseste. Pois agora todos nós estamos sem chapéu, só tu estás de chapéu.

CLI-CLA - (ARRANCANDO O CHAPÉU E CAINDO DE JOELHOS) Senhor Guilherme! ouvi-me, por favor! Todos êles tiraram os chapéus só para não tirar o chapéu, mas eu não tirei o chapéu só para tirar o chapéu diante de vós! Eu juro, Excelência!

GUILHERME - Que é que êle está engrêlando aí?  
Êste homem é louco ?

CARACOL - Vossa Execelência adivinhou.

VOVÓ - Êle é assim de nascença - que é que se há de fazer?

GUILHERME - Como é teu nome ?

CARACOL - Clique-Claque.

GUILHERME - O que ?

CLI-CLA - Não o escuteis, Excelência! Meu nome é Nanasse Moucheron, eu sou filho do burgomestre Moucheron - Clique-Claque é meu apelido.

GUILHERME - Filho do burgomestre ? E não tens vergonha de te comportares assim no meio da rua? (INCLINA-SE PARA A LITEIRA E SUSSURRA ALGUMA COISA AO PREPOSTO. DEPOIS VOLTA-SE PARA SOLDADOS, ALTO) - Levai-o para a casa do pai dêle, e dizei-lhe que não mais o deixe sair sòzinho!  
(CLIQUE-CLAQUE É LEVADO EMBORA)

GUILHERME - E quanto a êste palhaço, (INDICA CARACOL NA ÁRVORE) tirai-o da árvore imediatamente!

SOLDADO - Que palhaço - aquêle corcunda ? (A LITEIRA ESTREMECE VIOLENTAMENTE)

GUILHERME - Pssst (A MEIA VOZ) Mais baixo, tu aí asno! Obedece calado!

NINOCHÉ - O que? Prender Caracol ?

VOZES - Não entregaremos Caracol! Esconde-te, Caracol! Por aqui, Caracol! Pula para o telhado! Salta Aqui! Não deixaremos que te maltratem! Martim! Martim Pequeno! Chamem o Martim Pequeno! Chamem os armeiros!(POR ENTRE A MULTIDÃO, ABRE CAMINHO UM HOMEM ALTO, FORTE, MAIS ALTO QUE GUILHERME. A trás dêle ALGUNS RAPAGÕES, OS ARMEIROS)

MARTIM - Quem me chama? Aqui estou! Anda Caracol! Salta Aqui! Não deixaremos que te toquem! (CARACOL SALTA PARA O CHÃO. OS ARMEIROS O RODEIAM)

GUILHERME - Avançar! Matai-os todos! (OS SOLDADOS DE COURAÇA BRANDEM AS ALABARdas - OS ARMEIROS PUXAM OS PUNHAIS - NISSO UM BRAÇO OSSUDO SURGE ENtre AS CORTINAS DA LITEIRA E TOCA O OMBRO DE GUILHERME)

GUILHERME - Alto lá! (OS SOLDADOS BAIXAM AS ALABARDAS)(GUILHERME INCLINA-SE PARA A LITEIRA, OUVES RESPEITOSAMENTE. DEPOIS ENDIREITA-SE E FALA ALTO). Por esta vez sua Alteza, o Vice-Rei misericordiosamente, deixa que todos vós volteis para as vossas casas. Mas como castigo pela impertinente desobediência, a cidade será obrigada a pagar ao tesouro de sua Alteza trezentas moedas de ouro de cada corporação. A agora, dispersai-vos em ordem e cuidai das vossas ocupações! (ÊLE FAZ SINAL COM A MÃO. O TAMBOR RUFA. A LITEIRA SE MOVE. SÚBITO NOVAMENTE O BRAÇO SURGE ENTRE AS CORTINAS. A PROCISSÃO PARA. GUILHERME SE INCLINA, OUVES, DEPOIS FALA ALTO) Sua Alteza o Vice-Rei deseja saber por que este homem de tão grande estatura se chama Martim Pequeno?

MARTIM - (QUE É UM GIGANTE) Por que? Decerto porque ainda não alcancei a estatura de meu avô. O velho é bem umas duas cabeças mais alto do que eu.

GUILHERME - (INCLINANDO-SE PARA A LITEIRA, DEPOIS FALA) Sua Alteza o Vice-Rei deseja saber se o teu avô ainda é vivo.

MARTIM - O meu avô mesmo morto está quiçá mais vivo do que todos nós juntos.

GUILHERME - Que quereis dizer ?

MARTIM - Eu não quero dizer nada. Vós é que fazeis perguntas.

GUILHERME - Responde direito. Se o teu avô ainda não morreu, onde é que êle vive agora?

MARTIM - Em tôda parte! Nos relatos dos nossos anciãos, nas cantigas das nossas raparigas, nos jogos dos nossos meninos. E esta mesma praça, na qual vós estais a falar comigo, se chama Praça de Martim-Grande. Êle foi o primeiro presidente da corporação dos armeiros, o meu avô, e êle me ensinou a forjar famosas espadas e a usá-las com não pouca habilidade.

GUILHERME - Falas demais. Responde às perguntas e não mais que as perguntas. Se não ainda te calarás para sempre. (O TAMBOR RUFA NOVAMENTE. A PROCISSÃO SE AFASTA. NA PRAÇA FICAM APENAS DOIS SOLDADOS QUE DISPERSAM O POVO)

SOLDADOS - Para casa! Dispersar! Para casa!

MARTIM - Vem conosco, Caracol. Morarás entre nós. Na rua dos armeiros ninguém te molestará.

CARACOL - Obrigado, Martim Pequeno. Eu sei, entre vós, os armeiros, a gente fica em segurança.

SOLDADOS - Para casa! Dispersar!

MARTIM - O que é certo, é certo! É hora de voltarmos para casa, para o trabalho. (BAIXO PARA CARACOL) O nosso trabalho está em grande procura agora, mal se tem tempo de forjar uma espada, que alguém já vem comprá-la.



CARACOL - Adeus, Vovó Taffareau! Adeus, Verônica!

FIRENE - Até logo, vós dois! Obrigado pelo espetáculo de hoje!

VERÔNICA - Pelo espetáculo sim! Ao Caracol, pelo bom começo; ao Martim Pequeno, pelo bonito final...

SOLDADOS - Espalhai-vos! Para casa!

VOVÓ - Um rapaz e tanto, o nosso Caracol! Ele pode ser corcunda mas mesmo assim eu não desejaria um noivo melhor para nenhuma das nossas donzelas. E tu, Verônica?

VERÔNICA - Eu para dizer a verdade, nem percebo. Eu o vejo ereto, guapo e bonito.

VOVÓ - Ah, tens a vista aguçada, Verônica! E teus olhos não te enganam.

VERÔNICA - Mas eu tremo por êle, vovôzinha! Todos os dias eu acordo em sobressalto - será que êle está em liberdade, será que o veremos na prisão. Não é atoa que os invasores não tiram os olhos dêle. Caracol é um simples varredor, é pobre, é corcunda, mas êsses homens lá no castelo bem conhecem o valor das suas canções e das suas pilhérias. E como não o saberiam, Vovó Taffareau! Quando Caracol faz pilhérias, nós rimos e quando êle ri, nós não temos medo! (UM SOLDADO APARECE NA PRAÇA)

SOLDADO - Que conversas são essas agora? Para casa!

VOVÓ - Aqui nós estamos em casa. Vós sim, vós sois hóspedes - embora ninguém vos tenha convidado. Vós é que deveríeis voltar para casa, a vossa casa e boa viagem! )(O SOLDADO FAZ UM GESTO DE AMEAÇA, ELA VOLTA PARA SUA BARRACA)

P A N O



SEGUNDO ATO

(INTERIOR DO CASTELO DO VICE-REI. SALA RICA E SOMBRIA. PESADAS CORTINAS. JUNTO À MESA-SECRETÁRIA, UMA CADEIRA DE ESPALDAR ALTO, DE COSTAS PARA O PÚBLICO. O VICE-REI ESTÁ SENTADO NELA, POR ENQUANTO, INVISÍVEL PARA O PÚBLICO. AO LADO DÊLE GUILHERME. ÊLE COM UMA MESURA, ENTREGA UM PAPEL APÓS OUTRO PARA O VICE-REI ASSINAR. | ÊSTE ASSI NA EM SILÊNCIO E DEVOLVE OS PAPÉIS, UM APÓS OUTRO. O ESPECTADOR SÓ VÊ A SUA MÃO OS SUDA, SAINDO DO PUNHO DE RENDA)

VICE-REI - Todos os decretos estão assinados?

GUILHERME - Todos, Alteza.

VICE-REI - O burgomestre recebeu a ordem de se apresentar no castelo?

GUILHERME - Êle já está aqui desde cedo, Alteza. Espera na antecâmara junto com o filho.

VICE-REI - Manda entrar os dois!

GUILHERME - (ABRE A PORTA) - Chamar o burgomestre com o filho!

VICE-REI - Descubre tudo que fôr possível a respeito desse varredor que estava no alto da árvore. Por que a cidade inteira toma a sua defesa? Que espécie de homem é aquele gigante a quem chamam de Martim Pequeno? o que dizem sobre as penas de morte e as multas? O que pensam a meu respeito? Tu vais fazer as perguntas.

GUILHERME - Obedeço, Alteza. (ENTRAM CLI-CLA e o PAI MOUCHERON. AMBOS FAZEM MESURAS)

MOUCHERON - Muito bom dia, sr. Guilherme. Posso tomar a liberdade de indagar como está passando sua Alteza o Vice-Rei?

GUILHERME - Agradeço, Burgomestre Moucheron. Sua Alteza goza de perfeita saúde. É melhor que comeceis a contar o que se fala por aí.

MOUCHERON - O que se fala - a respeito do que, sr. Guilherme.

GUILHERME - A respeito dos nossos últimos decretos, das penas de morte, das multas impostas à cidade... Sim, e também o que se pensa e se diz na cidade a respeito de Sua Alteza o Vice-Rei.

MOUCHERON - (HIPÓCRITA) Todos, do mais velho ao mais moço, abençoam Sua Alteza.

VICE-REI - (SEM SE VOLTAR, EM VOZ BAIXA MAS CLARA) Não mintas! (PAI E FILHO ESTREMecem e, ASSUSTADOS, OLHAM PARA O ESPALDAR DA POLTRONA ONDE SAIU A VOZ)

GUILHERME - Não vos atrevais a mentir, burgomestre. Tentaremos saber a verdade por vosso filho. Espero que o rapazinho novo ainda não tenha tido tempo de aprender truques de rapôsa velha. (PARA CLI-CLA) Responde tu, o que dizem de nós na cidade?

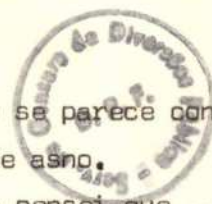
CLI-CLA - Amaldiçoam-vos, Excelência.

GUILHERME - Quem

CLI-CLA - Todos, Excelência. Do mais velho ao mais moço.

GUILHERME - Então, sr. Moucheron, o vosso filho ao que se vê não se parece convosco. Se vós tendes cauda de rapôsa, êle tem orelhas de asno.

CLI-CLA - Perdoai-me, sr. Guilherme - eu não queria dizer ... eu pensei que ...



GUILHERME - Tu disseste exatamente aquilo que pensavas. Responde: Po que a árvore diante do castelo estava ontem t<sup>o</sup>da cheia de chapéus dependurados ? É verdade que existe uma tradição assim nesta cidade?

CLI-CLA - É verdade. Isto é, não - eu queria dizer - não é verdade! Eles dependu raram os chapéus na árvore para não terem que tirá-los diante de Sua Al teza.

GUILHERME - Então era isso! E quem teve essa idéia ?

CLI-CLA - Ora, quem havia de ser, senão aquêles maldito corcunda! (A POLTRONA DO VICE-REI RANGE E BALANÇA - CLI-CLA OLHA PARA ELA DE ESGUELHA ASSUSTADO)

GUILHERME - Mais baixo! Eu quero dizer, aquêles varredor que estava encarapitado num galho ?

CLI-CLA - Aquêles mesmo, sim, o varredor corcunda.

GUILHERME - (OLHA PARA O ESPALDAR DA POLTRONA) Chamas as pessoas pelos seus nomes.

CLI-CLA - Sim, senhor. - Aquêles Corcunda de Caracol, Excelência.

GUILHERME - (IRRITADO) Caracol é quanto basta. E que nome estranho é êsse, Cara col?

CLI-CLA - Não é um nome, é um apelido. O nome dêle, de verdade, é Gilberto. O ape lido de Caracol é porque, como vossa Excelência sabe, o Caracol é uma lêsma que carrega a sua casa nas costas, que nem uma corcunda. Por isso o Corcunda Gilberto foi apelidado de Caracol - por causa da sua corcun da.

GUILHERME - (QUE SE ARREPIA T<sup>o</sup>DA A VÊZ QUE O OUTRO MENCIONA CORCUNDAS, ENÉRGICO) - Tu disseste que o nome dêle é Gilberto - pois chama-o de Gilberto. ! (CLI-CLA CAI NA GARGALHADA) Que é que tens ?

CLI-CLA - (RINDO GARGALHADAS T<sup>o</sup>LAS) Não posso! O Caracol Corcunda - Gilberto! O Corcunda Caracol - Gilberto! Não posso. Já é melhor que o chame simples mente de Corcovado! Caracol o Corcovado!

GUILHERME - (PRECIPITA-SE PARA ÊLE E TAPA-LHE A B<sup>o</sup>CCA COM A M<sup>o</sup>ÃO) Cala-te, asno!

MOUCHERON - (LEVANTA O BRAÇO COMO QUEM VAI ESBOFETEÁ-LO) Silêncio, burro! ( CLI- CLA, ASSUSTADO, LIBERTA-SE DÊLES E CORRE EM DIREÇÃO À POLTRONA).

GUILHERME - Pára! Para onde vais?

(CLI-CLA, NÃO OUIVE, CORRE ATÉ A POLTRONA, DE REPENTE, PÁRA, COMO PETRI FICADO)

CLI-CLA - (NUM ESPANTO HORRORIZADO) Ahhh! (COMEÇA A RECUAR) Lá ... Tem alguém ... sentado ... parece com o Caracol ... mas mete medo!

GUILHERME - Que demônios trouxeram aqui êste palerma? Mas sabes tu de quem estás falando? Quem está sentado alí é ... (A POLTRONA SE AFASTA LENTAMENTE E O VICE-REI VEM PARA O CENTRO DA SALA. ÊLE TEM UMA CORCUNDA NAS COS TAS, MAIOR QUE A DO CARACOL) É Sua Alteza o Vice-Rei e preposto do Conquistador!

MOUCHERON - Aiii!

VICE-REI - (IMPETUBÁVEL) Eu sei que ambos vós me sois dedicados, e por isso con descendi em dar-vos a honra de me verem e de falarem comigo frente a frente.

MOUCHERON - (MESUROSO) Estamos tão honrados .!. tão desvanecidos ... tão felizes...

CLI-CLA - (MESUROSO) Vossa Alteza ... Tanta honra ...

VICE-REI - (GESTO) Basta. E agora, dizei-me. Por que é tão querido na cidade a quêle varredor de ruas?

MOUCHERON - Alteza, os habitantes desta cidade gostam muito de cantar quando trabalham, e o varredor Car,... Gilberto conhece muitas cantigas.

CLI-CLA - Êle sabe compor canções,êle mesmo.

VICE-REI - O varredor sabe compor canções ? Isto é divertido. E que canções são essas? Vós as conheceis?

MOUCHERON - Não,Vossa Alteza, não conhecemos.

CLI-CLA - Eu conheço, sim! São muito engraçadas! (O PAI PUXA PELA MANGA MAS ÊLE NÃO ENTENDE) Eu até sei uma de cor, e posso cantá-la. Se Vossa Alteza quiser, naturalmente.

VICE-REI - Quero sim, canta.

CLI-CLA - (CANTA CAPRICHANDO NA PRONUNCIA DAS PALAVRAS)

"Quem se esconde em segrêdo

De si mesmo tem mais mêdo:

A coruja no seu ôco,

E o preposto do invasor

no castelo que usurpou".

MOUCHERON - (BAIXO,NERVOSO) Nannasse!

GUILHERME - (FAZENDO-LHE SINAI) Cala-te!

CLI-CLA -(SACUDINDO A MÃO DO PAI) Espera, ainda não acabou - como era mesmo?

"E o preposto do invasor

no castelo que usurpou

Até hoje não sei não

Se êle é cobra ou escorpião"

Estais vendo que canção mais atrevida? E tôda a cidade está cantando

isso - até eu já a decorei. E quem a compôs foi aquêle Corcunda Cara col (DÁ-SE CONTA, COBRE A M BOCA COM A MÃO ASSUSTADO)

Eu queria dizer, aquêle Gilberto Corcunda! Perdão Alteza, o Caracol Corcunda... (AGONIADO ENXUGA O SUOR DA TESTA).

GUILHERME - Alteza, ordenai expulsar êste palerma ?

VICE-REI - Não. Então, foi êle quem compôs essa canção? E quem são os amigos dêste... Caracol?

CLI-CLA - Tôda a cidade, Vossa Alteza .

VICE-REI - Então é assim ? E aquêle gigante - êle também é amigo do varredor?

MOUCHERON - Falais de Martim-Pequeno, Alteza? Sim... Êles são grandes amigos, De vo informar-vos, Alteza, que Martim Pequeno é o Presidente da Corporação dos Armeiros - e um homem muito perigoso. A palavra dêle é lei para todos os artesãos que fazem armas.



VICE-REI - Dizem que êle é perigoso? Guilherme, hoje mesmo quero êste Martim-Pequeno lançado na Torre do Silêncio. E uma dezena de amigos dêle, de quebra. Os outros ficarão mais sossegados depois disso. Ouviste ?

GUILHERME - Vossa ordem será executada, Alteza.

VICE-REI - (PARA CLI-CLA) E tu também és amiguinho do varredor?

CLI-CLA - Deus me livre, Alteza! Eu detesto êsse Corcun... êsse homem! Eu tenho ódio dêle! Ele zomba de mim. Quando êle não está, vai tudo bem, mas as sim que êle aparece, todo mundo logo acha que eu sou um bobão. E o pior é que êle caçoa de mim na frente de Verônica.

VICE-REI - E quem é ela, essa Verônica?

CLI-CLA - (ENTUSIASMADO) Oh! Ela é a môça mais linda da cidade. Se Vossa Alteza a visse, garanto que também ficaria apaixonado por ela! (ABAFA UMA RIBADA BÔBA NO PUNHO FEICHADO)

MOUCHERON - (PUXA O FILHO PELA MANGA) Verônica, Alteza - é a filha do nosso antigo burgomestre, o presidente da corporação dos tecelões - Firene

VICE-REI - Ela é de fato tão bonita ?

MOUCHERON - Môça mais bela não se encontra no país inteiro, Alteza.

VICE-REI - Então é assim? Guilherme, por que nunca me falaste dessa môça?

GUILHERME - Esta é a primeira vez que ouço falar nela, Alteza.

VICE-REI - Tu tens obrigação de ver tudo e ouvir tudo. (PARA CLI-CLA) Com o que então te agrada esta Verônica? Queres casar com ela? E ela ? Está disposta a casar contigo?

CLI-CLA - Não. Até me parece que ela gosta de outro, Alteza.

VICE-REI - Gosta de outro ? Quem?

CLI-CLA - Eu acho que... ou do Martim Pequeno, ou do Caracol. Mas o Martim Pequeno já é casado, e o Caracol é corcunda. Por isso eu ainda tenho esperança que ela um dia vai concordar em casar comigo.

VICE-REI - Eu espero o mesmo. Vou casá-la contigo. Não será mau, se a filha do antigo burgomestre casar com o filho do novo burgomestre. Quem sabe depois dêsse casamento haverá mais ordem e sossego nesta cidade.

CLI-CLA - (ENTUSIAMADÍSSIMO) Agradeço mil vêzes, Alteza! Estou tão feliz! casar com Verônica, que maravilha! Como eu vou rir na cara do Caracol!

MOUCHERON - Alteza, o antigo burgomestre não permitirá que sua filha se case com o meu filho. Firene é um velho severo e obstinado.

VICE-REI - Não te preocupes. Se nem as muralhas desta cidade resistiram diante de mim, não será o antigo burgomestre que resistirá. Guilherme, faz vir ao castelo imediatamente essa Verônica e seu pai (GUILHERME CURVA - SE E SAI)

CLI-CLA - E quando vai ser o meu casamento, Alteza ?

VICE-REI - Quando tu livrares a cidade daquele varredor atrevido.

CLI-CLA - Do Corcunda Caracol? É fácil falar, mas como fazer isso? É melhor que vossa Alteza mande cortar a cabeça dêle, e pronto, estará tudo resolvido. Dizem que o vosso senhor Guilherme decepa cabeças com muita agilidade. (ENTRA GUILHERME)



VICE-REI - Ah, se tu tens tanto medo dêsse varredor, é por que êle de fato vale alguma coisa. Não será melhor casarmos o Caracol com a Verônica, neste caso? Que achas, Guilherme?

GUILHERME - (SARCÁSTICO) - Êles dariam um belo par. Alteza,

CLI-CLA - Que estais dizendo, sr. Guilherme! Que espécie de casal será êsse? A bela Verônica - e um corcunda desgraçado! Mas ela não vai sequer poder mostrar-se na rua com aquêles monstrengo corcovado! Ela terá de se esconder dos olhos da gente, como aqui sua Alteza!

VICE-REI - (NUMA FÚRIA, AGARRA-O PELO PESCOÇO COM SUAS MÃOS OSSUDAS) Se tu te a treveres a dizer mais uma palavra ....

GUILHERME - (TAMBÉM SE PRECIPITA SOBRE CLI-CLA) Nós te esmagaremos como a um ra to!

CLI-CLA - (SUFOCADO) Vossa... Alteza...

VICE-REI - Então?

CLI-CLA - (ARQUEJANTE) Eu prometo ... livrar a cidade ... do varredor ...

VICE-REI - (SOLTA-O E FALA, TOTALMENTE CALMO) Isto são outras falas, meu jovem Moucheron. Há mais tempo falasses assim !

CLI-CLA - Só que eu não sei como fazer a coisa. Bastará êle dar um grito, que tô das as ruas virá gente correndo para ajudá-lo.

VICE-REI - Mas será que êle nunca se afasta da cidade?

CLI-CLA - Pelo contrário - êle sai quase todos os dias, para ir ao bosque, buscar ramos e gravetos para fazer suas vassouras.

VICE-REI - Ora, neste caso a tua tarefa não é nada difícil. Para cada bicho exis te uma armadilha. Para bicho de duas pernas também. Se um homem vai para o bosque, e pelo caminho passa por uma fossa, um grande buraco bem escondido por galhos, êle pisa nos galhos e cai no buraco fundo, e ninguém ficará sabendo o que lhe aconteceu. E êste homem morrerá de fome no fundo da fossa.

CLI-CLA - Isto é verdade, Alteza. Só que no caminho do bosque não existem bura cos assim.

VICE-REI - Se alguém cavar, existirá - Burgomestre Moucheron, vós sois um homem astuto e experiente. Ensinai a vosso filho como é que se cava um bura co para o próximo.

MOUCHERON - Esforçar-me-ei, Alteza.

GUILHERME - (OLHA PELA PORTA) Alteza, o mestre da corporação dos tecelões, Fire ne e sua filha Verônica chegaram ao castelo.

VICE-REI - Excelente. Estás vendo, Nanasse Moucheron, comigo a palavra não se se para da ação. Vamos começar as negociações para o noivado imediatamen te. Só espero que tu sepultarás o varredor na fossa tão depressa co mo eu te casarei com a tua Verônica.

CLI-CLA - Não vos preocupeis, Alteza. Êsse Caracol me incomoda tanto quanto a Vossa Alteza.

VICE-REI - Mas por ora para não perturbar a mãe, será melhor que tu nos deixes a sós. Guilherme, acompanha o noivo e traze a noiva. (GUILHERME E CLICLA SAEM. O VICE-REI SENTA-SE NA POLTRONA DE MODO A FICAR QUASE INVISÍVEL. ENTRAM FIRENE, VERÔNICA E GUILHERME)

FIRENE - Senhor Guilherme. Anunciai-nos ao Vice-Rei. Estamos aqui por ordem d'ele.  
GUILHERME - Sua Alteza está aqui.

VICE-REI - (LEVANTANDO-SE) Saúde, menina Verônica. Saúde, Mestre Firene.

VERÔNICA - (FITA-O HORRORIZADA) Ah! Meu deus do céu ... Boa tarde, Alteza.

FIRENE - Boa Tarde, Alteza!

VICE-REI - (EXAMINANDO VERÔNICA) Devo confessar, burgomestre Moucheron, que vosso filho não tem mau gosto. A donzela é de fato excepcionalmente formosa.

FIRENE - (SÉCO) Vós nos mandaste chamar por algum assunto especial, Alteza?

VICE-REI - Não vos apresseis, mestre Firene. Meu caro Guilherme, não te parece que o jovem Moucheron empreendeu tarefa acima das suas forças?

GUILHERME - Tendes razão, Alteza. Esta donzela merece melhor destino.

VICE-REI - Entretanto, eu prometi fazer-lhe a proposta. Pois bem, Mestre Firene, não achais que já é tempo de dardes a vossa bela filha em casamento?

FIRENE - Espero, Alteza, Que permitireis cuidar eu mesmo do destino da minha filha.

VICE-REI - Não contesto vosso poder, mestre, mas, para o bem da cidade, da qual me compete cuidar, eu gostaria de reconciliar duas famílias honradas - a vossa e do burgomestre Moucheron. Que esperais, meu caro Moucheron? Vinde, pedi a mão da bela Verônica para o vosso filho.

MOUCHERON - (INSINUANTE) Meu caro mestre Firene, nós dois nos conhecemos desde a infância... Vossa filha cresceu diante dos meus olhos, e meu filho diante dos vossos olhos...

FIRENE - Isso é verdade, eu conheço muito bem tanto a vós como ao vosso filho. Por isso mesmo acho melhor deixarmos de lado esta conversa. Alteza, se não tendes outro assunto comigo, peço licença para nos retirarmos.

VICE-REI - Como quizerdes, pois não. Guilherme, acompanha a mestre Firene e o burgomestre.

VERÔNICA, FIRENE e MOUCHERON - (JUNTOS) Adeus, Alteza!

VICE-REI - Adeus - mas vós, formosa Verônica, eu peço que fiquéis ainda um pouco.

VERÔNICA - Pai!

FIRENE - Permiti que eu fique com a minha filha, Alteza. Ela não está acostumada a andar sôzinha.

VICE-REI - Daqui a poucos minutos vossa filha vos transmitirá tudo o que eu lhe disser. Até breve, mestre Firene.

(FIRENE, MOUCHERON E GUILHERME SE RETIRAM)

VICE-REI - Então, minha linda hóspede, concordais em casar com o jovem Moucheron? Éle ao que parece, está fora do seu juízo de tanto amor por vós.

VERÔNICA - Perdão, Alteza, mas êle nunca teve juízo.

- VICE-REI - Mas em compensação êle tem muito dinheiro e um pai que é inteligente e esperto. E é o próprio Duque de Malicorns - eu mesmo - quem faz o pedido de casamento. Então, que dizeis ?
- VERÔNICA - Alteza, podeis expulsar-me da cidade, podeis encerrar-me na Torre do Silêncio, podeis até mandar me matar, como a muitos dos nossos amigos...
- VICE-REI - Oh! Quando estais zangada, Verônica, ficais ainda mais bela!
- VERÔNICA - Alteza, se sois um ser humano...
- VICE-REI - E o que sou então ?
- VERÔNICA - Não sei ... mas se tendes coração permiti que fique com o meu pai ...  
(ESCONDE O ROSTO COM AS MÃOS)
- VICE-REI - Tirai as mãos do rosto, bela Verônica. Quero ver como chorais.
- VERÔNICA - Não zombeis de mim!
- VICE-REI - Não estou zombando. Mas as lágrimas vos ornam bem.
- VERÔNICA - Vós sois livre de dizer ou fazer o que bem entenderdes. Na nossa cidade não se pode respirar mais, desde que ela caiu em vossas mãos. E apesar disso vós não conseguireis me obrigar a casar com êsse palhaço do CLICLA!
- VICE-REI - (RINDO) Então não quereis casar com êle, Verônica? E então? Quem sabe tendes razão. êle de fato não merece uma jovem tão bela e altiva. Não vou obrigar-vos a casar com êle. E se quiserdes, devolverei a liberdade a alguns de seus amigos. Devolverei a corrente de burgomestre a vosso pai, e à cidade, muitas de suas regalias e liberdades. Estais admirada? Ao que parece, não esperáveis isto de mim, formosa Verônica?
- VERÔNICA - Não esperava, Alteza.
- VICE-REI - Não é para menos. Disseram-vos, decerto, que sou um monstro, sem coração, sem misericórdia nem pena de ninguém?
- VERÔNICA - Sim, é o que dizem.
- VICE-REI - Pois bem, estais vendo? Eu sou capaz de misericórdia e de perdão. Posso fazer a desgraça de um homem, mas posso também fazer sua felicidade. A vós eu gostaria de ver feliz, Verônica. E como sinal de minha profunda simpatia para convosco, aceitai êste modesto presente (TIRA DO DEDO UM GRANDE ANEL E ESTENDE PARA ELA)
- VERÔNICA - O que é isso?
- VICE-REI - Um anel. Eu uso apenas dois anéis. Um com o sinête de minha família, herdei-o de meu pai. O outro, da minha mãe. É o seu anel de casamento. Acaitai-o, é vosso.
- VERÔNICA - Para que o aceitaria, Alteza ?
- VICE-REI - Vós sereis minha esposa.
- VERÔNICA - (RECUA HORRORIZADA) Vossa esposa? Nunca! Antes a morte! (PRECIPITA-SE PARA A PORTA, ÊLE LHE BARRA A PASSAGEM)
- VICE-REI - Esperai! É o vosso destino. Vós sereis a senhora desta cidade, a dama mais nobre do país, a duquesa - a esposa do Vice-Rei!
- VERÔNICA - Nunca! Mandai que eu seja trancada na Torre do Silêncio ! Mandei-me excutar !

VICE-REI - Minha palavra é lei. O casamento será daqui a três dias. Preparai-vos para as bodas! (ELE ABRE A PORTA E DEIXA VERÔNICA PASSAR, COM UMA VÊNIA PROFUNDA)

QUADRO - 3

(CLAREIRA ESCONDIDA NA FLORESTA. ÁRVORES, ARBUSTOS. É MADRUGADA. EM CENA, COM UMA PA, CLIQUE-CLIQUE TRABALHA CAVANDO)

CLI-CLA - Ufa! Nunca na minha vida trabalhei tanto. Mas é só por causa de Verônica. Para casar com ela é preciso cavar uma fossa para enterrar o maldito corcunda Caracol. Só por isso é que eu fico aqui cavando, calejando as mãos! (OUVE-SE UMA BUZINA DE CAÇADOR (CÓRNO) AO LONGE)

CLI-CLA - Épa! O vice-rei com seus caçadores já anda pela floresta. Vou avisá-lo que venha olhar o meu trabalho (QUEBRA RÁPIDAMENTE ALGUNS GALHOS, COBRE O BURACO E SAI) (A CENA FICA VÁZIA POR ALGUNS INSTANTES, MAS LOGO APARECEM CARACOL E TIMOLLE, COM FEIXES DE GRAVETOS)

TIMOLLE - Caracol, existem lobos nesta floresta?

CARACOL - Existem frutas, existem cogumelos, mas lobos? Eu cá nunca encontrei um lobo - e tu, tens medo de lobos?

TIMOLLE - Um pouco, tenho ...

CARACOL - Um lobo no verão não é perigoso, mas os outros lobos, os lobos de duas pernas, estes sim, são de meter medo (NOVAMENTE SE OUVE A BUZINA AO LONGE) Estás ouvindo? É o próprio Vice-Rei que hoje sai à caça. Estes sim são os lobos de quem é preciso ter medo. (REPARA NO BURACO) Cuidado, Timolle!

TIMOLLE - O que é isso?

CARACOL - Alguém cavou uma fossa neste lugar - uma armadilha. Cavou muito bem, mas escondeu mal. Logo se vê que é um caçador de meia tigela.

TIMOLLE - Isto é uma armadilha para lobos. Caracol?

CARACOL - Não sei, Timolle, não sei ... Mas por via das dúvidas vamos deixar uma marca qualquer aqui, para não cairmos nós mesmos nesta armadilha, no caminho de volta. (ELE DESAMARRA O SEU FEIXE E COLOCA ALGUNS GRAVETOS EM CRUZ, COMO MARCA, SOBRE A ARMADILHA, UMA CRUZ DEITADA) Pronto, agora vamos adiante temos ainda muitos gravetos para quebrar... (AMBOS SAEM, POUCO DEPOIS, DE ENTRE OS ARBUSTOS DO LADO OPOSTO SAI CLI-CLA e o VICE REI, ÉSTE VESTINDO UMA GRANDE CAPA

CLI-CLA - Agora, podeis mandar cortar minha cabeça, Alteza, se Caracol não cair na armadilha. Ele passa por aqui todos os dias. Mas onde está o buraco? Tenho certeza de que o cavei nesta clareira... Essa agora! Sumiu! Ou será que foi na outra clareira? Não me lembro direito...

VICE-REI - Não deixaste marca nenhuma.

CLI-CLA - Deixei Alteza - mas não me lembro, que marca, nem em que lugar...

VICE-REI - Asno! Será que não tens cabeça?

CLI-CLA - Como assim, Alteza? Aqui está ela.

VICE-REI - Por pouco tempo.



- CLI-CLA - Por quem sois, Alteza, não digais isso! Eu já me lembrei! O buraco é... por aqui... em algum lugar... à direita ... - não, à esquerda... isto é, à direita... mas muito cuidado... (ÊLE VAI LEVANDO O VICE REI ATRAVÉS DA CLAREIRA E AMBOS COM UM GRITO CÄEM NA FOSSA. DA FOSSA SOBEM OS GRITOS - Socorro ! Acudam ! (E LOGO ENTRA CORRENDO CARACOL)
- CARACOL - (INCLINA-SE SÖBRE O BURACO) Quem está aí?
- CLI-CLA - (LAMENTANDO-SE DENTRO DA FOSSA) Quem és tu? Salva-me, e te pagarei bem tenho muito dinheiro!
- CARACOL - Sujeito engraçado! Então se cobra dinheiro para salvar alguém? (DESCE UMA CORDA PARA A FOSSA E TIRA CLI-CLA) Mas como vieste parar aqui?
- CLI-CLA - Dh! És tu, Caracol! E eu ... quero dizer... sabes, eu... eu estava .... tu compreendes...
- CARACOL - Eu só compreendo uma coisa - fiz mal em te tirar do buraco - poderias ter ficado lá dentro, quietinho sem atrapalhar a vida dos outros ...
- CLI-CLA - Que estás dizendo, Caracol! Eu não tenho tempo para ficar sentado dentro dum buraco - eu vou me casar logo - Sua Alteza o Vice-Rei prometeu me fazer casar com Verônica.
- CARACOL - Ah! Então é assim? Neste caso, volta já para o buraco!
- CLI-CLA - (CHORAMINGANDO) Deixa-me Caracol ... Larga-me! Eu não quero voltar para o buraco! Lá é escuro, eu tenho medo.
- CARACOL - Volta para tua toca, senhor noivo, anda!
- CLI-CLA - Mas eu nem pretendo casar com Verônica! Eu estava só brincando. Juro! Só peço que me deixes ir embora! Pensa sozinho, Caracol, Achas então que o mestre Firene consentiria que sua filha Verônica casasse comigo?
- CARACOL - Tu mesmo acabaste de dizer que o Vice-Rei vai fazer com que cases com ela.
- CLI-CLA - E que tem que eu falei? O que eu falei não vale nada! E o vice-rei êle que vá para o inferno!
- VICE-REI - (DE DENTRO DA FOSSA) Moucheron!
- CLI-CLA - Oh! Eu, eu que me esqueci! Perdão, vossa ...
- VICE-REI - (INTERROMPE CALMO) Escera Moucheron! Ouve, varredor! Eu sou Bistecol, guardião do sinête de sua Alteza, o senhor Vice-Rei. Tira-me daqui e eu te recompensarei rêgiamente.
- CARACOL - Quem é que está lá embaixo, Clique-Claque?
- CLI-CLA - É... é... o guardião do sinête de sua Alteza ...
- CARACOL - Muito bem. Êle que guarde o seu sinête na fossa. E tu vais ajudá-lo. Estará mais bem guardado o tal sinête.
- VICE-REI - Ouve, varredor. Não te rias do sinête do Vice-Rei. Êste sinête pode mandar um homem para o cadafalso, mas pode também livrar milhares de homens da prisão, da morte, do exílio. Diante dêste sinête abrem-se todos os ferrolhos e fechaduras ! Se me ajudares a sair dessa fossa, eu te darei o sinête por três dias - e farás com êle o que quiseres . Pensa bem - durante três dias, tu poderás governar a tua cidade. Em três dias muita coisa pode ser feita.

- CARACOL - (PENSA UM POUCO) Quer dizer, o preço não é dos piores, Dizei-me, Sr. Bistecol, o sinete está convosco?
- VICE-REI - O anel com o sinete do Vice-Rei está sempre comigo, Desce a corda, e certificar-te-ás disso.
- CARACOL - Está bem. Só que primeiro eu descerei não uma corda, mas um barbantino - o barbante aguentará o peso do anel de sinete, mas não o seu, vossa excelência.
- VICE-REI - E se tu me enganares - se ficares com o anel de sinete e me abandonares no fundo da fossa?
- CARACOL - Não confiais em mim? Como desejardestes! Caracol ainda nunca enganou ninguém. Mas preferis ficar no buraco ...
- VICE-REI - Desce a corda!
- CARACOL - O barbantino? Estou descendo ... Amarraste o anel ?
- VICE-REI - Pode puxar.
- CARACOL - (RETIRA O ANEL, EXAMINA-O) É certo, é um anel de sinete. O sinete representa um dragão coroado - o escudo familiar do Vice-Rei... Bem, já que o negócio é sem tapeação, vou descer-vos a corda forte ... (DESCE A CORDA - DO BURACO SURGE O VICE REI, MAS SEM A CAPA)
- CARACOL - (ESPANTADO) Então sois assim, sr. Bistecol! Também sois corcunda! Só que a minha corcunda me valeu o apelido de caracol, a vossa merece pelo menos a de um camelo-dromedário! E muito pelo anel de sinete. (COLOCA O ANEL NO DEDO) Devolvei-me a minha corda, vou voltar correndo para a cidade - três dias dão para fazer muita coisa!
- VICE-REI - Espera, ajuda-me primeiro a tirar da fossa a minha capa - estou todo enregelado de frio.
- CARACOL - Capa? Onde é que ela está ?
- VICE-REI - Espia lá dentro - ali, ficou presa a uma raiz. (CARACOL INCLINA-SE SOBRE A FOSSA. O VICE REI EMPURRA-O COM FORÇA, E CARACOL DESAPARECE DENTRO DO BURACO) Conhece o teu lugar, vagabundo! Foi mesmo para ti que essa fossa foi aberta.
- CLI-CLA - E o anel - o anel de sinete, Alteza ?
- VICE-REI - Retirá-lo-emos mais tarde... (SARDÔNICO) Lá embaixo êle estará em segurança (ERGUE O CORNO E BUZINA)

P A N O



3º ATO - QUADRO 4

NA FRENTE DO PANO, NO PROSCÊNIO, APARECE VOVÓ TAFFAREAU

VOVÓ - Pois é amigos, assim é que andam as coisas na nossa cidade. De hora em hora tudo piora. Martim Pequeno foi agarrado pelos esbirros do Vice-Rei e trancado na Torre do Silêncio. E junto com êle todos os armeiros da corporação, que estavam forjando espadas e lanças. E ainda por cima, Caracol desapareceu. Foi para o bosque buscar gravetos para sua vassoura, e não voltou mais. Quem sabe também foi agarrado pelos soldados do invasor? A cidade ficou vazia, tristonha ... E hoje é dia da nossa grande festa, a Festa da Primavera. Mas tô da a gente até esqueceu de pensar na festa ... As m<sup>o</sup>ças não cantam mais, só ficam chorando. E como não chorar? A nossa mais linda donzela, Verônica, a filha do respeitável Firene, está sendo obrigada a casar contra a vontade - e com quem! Com o malvado Vice-Rei, o cruel usurpador que se esconde em nosso castelo... Mas apesar disso, é preciso enfeitar a casa para a festa... Senão, que Festa da Primavera é esta, sem um ramo verde no arco da porta? Vou cuidar disso... (SAI DO PROSCÊNIO)(O PANO ABRE)(A CENA É A MESMA DO PRIMEIRO ATO. DIANTE DA SENTINELA, NA PORTA DO CASTELO ESTÁ O SEGUNDO SOLDADO DE COURAÇA. ÊLE GUARDA A CASA DO MESTRE FIRENE. É MADRUGADA. O RELOGIO DO CASTELO DÁ HORAS. O TITIO NINOCHÉ E A VOVÓ TAFFAREAU ABREM AS JANELAS DE SUAS CASAS SIMULTANEMENTE, E OLHAM PARA FORA)

VOVÓ - Bom dia, Mestre Ninoche!

NINOCHÉ - Bom dia? E como pode ser bom o dia de hoje? Eu cá não me lembro de um dia pior!

VOVÓ - Não se deve falar mal do dia antes da noite. (PENDURA UMA GRINALDA DE RAMOS VERDES NA JANELA, COM UM BOUQUET DE FLORES NO ALTO)

NINOCHÉ - Não é que tencionais comemorar a Festa da Primavera hoje, vovôzinha?

VOVÓ - E como não? Se os antepassados festejavam a Primavera nós também temos que festejá-la.

NINOCHÉ - Pois antes ela não existisse agora, esta festa! Martim Pequeno atrás das grades. Caracol desaparecido. Verônica mais dia menos dia será arrastada para o castelo e entregue ao Vice-Rei! O dia é para chorar, não para festejar.

VOVÓ - Não se deve chorar antes do tempo.

NINOCHÉ - Pois se é o próprio tempo! A pobre Verônica decerto já não tem mais lágrimas para chorar ... está vivendo as últimas horas em liberdade, pobrezinha - e que liberdade é esta? A coitada já está trancada a sete chaves - imaginai o que será a sua vida no castelo, em poder dês se dragão usurpador!

VOVÓ - Pois aí vem êle - fala no diabo ... (NA PRAÇA SURGE A LITEIRA DO VICE-REI. ADIANTE E ATRÁS OS SOLDADOS DE COURAÇA. AO LADO, COMO SEMPRE, O HOMEM DE CAPA ESCURA. O CAPUZ ESTÁ NA CABEÇA, ESCONDENDO OS OLHOS)

NINOCHÉ - Para que será que êle saiu tão cedo, de madrugada?

VOVÓ - Vai ver, está querendo fiscalizar os seus guardas, ver se guardam bem a noiva d'êle.



NINOCHE - E é isso mesmo. Param diante da casa de Firene. Melhor a gente nem olhar.

VOVO - É certo, é melhor a gente não se mostrar a eles. (OS DOIS SE ESCONDEM. O HOMEM DE CAPA ESCURA APROXIMA-SE DO GUARDA A FAZ-LHE UM SINAL. O GUARDA DÁ PASSAGEM, RESPEITOSAMENTE. ENTÃO DESCE DA LITEIRA O PRÓPRIO VICE-REI TAMBÉM ENVOLVIDO ATÉ OS OLHOS NA SUA RICA E AMPLA CAPA. O HOMEM ALTO E O CORCUNDA DE CAPA ENTRAM NA CASA DE MESTRE FIRENE. NINOCHE E VOVO AP RECEM SIMULTANEAMENTE NA SOLEIRA DAS SUAS RESPECTIVAS PORTAS)

VOVO - Onde já se viu uma coisa dessas, entrar na casa da noiva assim, antes das bodas?

NINOCHE - Pobre Verônica! Vêde, eles já estão voltando.

VOVO - E ela está junto! (DA CASA DE FIRENE SAI VERÔNICA ACOMPANHADA PELO CO R CUNDA E O HOMEM ALTO DE CAPA)

VOVO - Estão levando Verônica!

NINOCHE - E o pai, como é que estará se sentindo agora, pobre Mestre Firene! Adeus, bondosa Verônica!

VOVO - Adeus, filhinha! (VERÔNICA DÁ ADEUS COM A MÃO. O HOMEM ALTO AJUDA-A A SUBIR NA LITEIRA. OS SOLDADOS DE COURAÇA CERCAM A LITEIRA. MESTRE FIRENE SURGE A PORTA)

FIRENE - (SERENO) Adeus, minha filha. Boa viagem! Logo nos encontraremos!

NINOCHE - Meu Deus! O que êle está dizendo? "Boa Viagem"? Como pode ser boa? pelo visto, enlouqueceu o pobre Mestre Firene!

VOVO - Quem sabe enlouqueceu, quem sabe não. Repara bem Ninoche, no que está se passando aqui.

NINOCHE - Não estou entendendo nada... Será que estou vendo dobrado? (DO PO R TÃO DO CASTELO SURGE UMA SEGUNDA LITEIRA IGUAL À PRIMEIRA. IGUALMENTE CERCADA POR SOLDADOS DE COURAÇA. AO LADO DELA TAMBÉM CAMINHA UM HOMEM DE CAPA ESCURA - GUILHERME. CONFUSÃO MOMENTÂNEA. GUILHERME GRITA - "Alto! Parados!" E PRECIPITA-SE, JUNTO COM ALGUNS SOLDADOS, ATRAVÉS DA PRAÇA, EM DIREÇÃO A PRIMEIRA LITEIRA. COM O BARULHO, OS HABITANTES DA CIDADE ACORREM À PRAÇA E PARAM, NUM ESPANTO AO VEREM DIANTE DE SI DOIS GUILHERMES, ao VEREM LITEIRA IDÊNTICA EM DIREÇÃO À OUTRA)

GUILHERME - Segurai esta gente! São impostores! Detende aquela liteira!

SÓCIA DE GUILHERME - Vós é que sois os impostores! Andai, tentai pôr as mãos na minha liteira! Dentro dela está Sua Alteza, o Vice-Rei!

GUILHERME - Estais mentindo! Sua Alteza está nesta outra liteira, na minha!

SOLDADOS 1º GRUPO - Fora do caminho!

SOLDADOS 2º GRUPO - Nem um passo!

1º GRUPO - Fora com as mãos!

2º GRUPO - Descei a liteira!

GUILHERME - O que esperais, soldados? Derrubai aquela liteira - ela está vazia!

(NESTE MOMENTO, DA LITEIRA SALTA UM CORCUNDA ENVOLTO COM A CAPA)

CORCUNDA - Quem se atreve a tocar em mim?



SOLDADOS 2º GRUPO - O Duque! Sua Alteza! (RECUAM EM CONFUSÃO)

SÓZIA DE GUILHERME - Vistes agora? Fora! (O PRÓPRIO GUILHERME FICA CONFUSO UM MOMENTO. DA SUA LITEIRA SALTA O PRÓPRIO VICE-REI)

VICE-REI - Que estais olhando, palermas? Agarrai-o! É um usurpador. O legítimo Governador da cidade sou eu!

SÓZIA DO VICE - Mentas! Não és legítimo - não foi por lei que dominaste a cidade, mas pela fôrça! E para cada fôrça existe outra fôrça!

SÓZIA DE GUILHERME - Cidadãos! A praça! (DEIXA CAIR A CAPA) Eu sou Martim-o-Armeiro!

SÓZIA DO VICE - (TAMBÉM SE DESFAZ DA CAPA) E eu sou Caracol. (O VICE REI ATIRA-SE SOBRE ÊLE DE PUNHAL MAS CARACOL É MAIS ÁGIL, E O VICE-REI RECUA, CAMBALEANDO, E TOMBA FORA DE CENA)

TIMOLLE - (DENTRE A MULTIDÃO) A êles, amigos! A êles!

GUILHERME - Duque! Êle matou o Duque! Mas êle não me escapará agora! (ATIRA-SE SOBRE CARACOL)

VERÔNICA - (SALTANDO DA LITEIRA) Cuidado Caracol!

GUILHERME - Agora eu te iendireito! (DERRUBA CARACOL COM UM GOLPE FURIOSO DE SUA ESPADA - CARACOL TOMBA)

NINOCHE - Êle derrubou Caracol com a espada mágica!

VERÔNICA - Êle matou Caracol!

MARTIM - Amigos! Cidadãos! Caracol foi assassinado! O nosso Caracol! Avançai nos invasores! A êles, meus armeiros! Que nunca mais êles se esqueçam do dia de hoje!

GUILHERME - A mim, meus soldados! (OS ÀRMEIROS, QUE ESTAVAM DISFARÇADOS EM SOLDADOS DE COURAÇA, CERCAM MARTIM PEQUENO, JUNTO COM OS CIDADÃOS. ÊLES OBRIGAM GUILHERME E SUA GUARDA A RECUAR PARA OS BASTIDORES. VERÔNICA SE PRECIPITA PARA O CORPO DE CARACOL, ARRASTA-O PENOSAMENTE ATÉ A PORTA DA CASINHA DE VOVÓ, ONDE O DEITA SOBRE O DEGRAU)

GUILHERME - Avançai! Matai os revoltosos!

MARTIM - Coragem, cidadãos! Se tivermos que morrer que seja com honra!

NINOCHE - Fora da nossa terra, ladrões encouraçados!

GUILHERME - Soldados! Será que recuareis diante de doceiros e sapateiros? Nós somos invencíveis! Vêde, na minha mão está a espada mágica, a Gaia na Invencível! Minha Gaiana encantada!

MARTIM - Não é com espada que se assusta um armeiro! Em guarda senhor Guilherme! (ATIRA-SE SOBRE GUILHERME, MAS AQUELE LHE ARREBATA O ESPADIM E ERGUE SOBRE A CABEÇA DE MARTIM A ESPADA MÁGICA)

GUILHERME - (ERGUE A ESPADA SOBRE A CABEÇA DE MARTIM) - Recebe meu último golpe!

TIMOLLE - Recebe tu o meu primeiro! (DESCE UM CACÊTE NA MÃO DE GUILHERME, QUE DEIXA CAIR A ESPADA - MARTIM APANHA-A SE POSSIVEL NO AR)



GUILHERME - (EM PÂNICO) Ele se apoderou da espada mágica! Fugamos! (GUILHERME E OS SEUS SOLDADOS FOGEM, PERSEGUIDOS PELOS CIDADÃOS, ENCABEÇADOS POR MARTIM E FIRENE. APENAS VERÔNICA, CURVADA SOBRE O CORPO DE CARACOL, FICA NA PRAÇA. VOVÓ TAFFAREAU APROXIMA-SE DELES)

VERÔNICA - Ouves, vovôzinha? Os nossos já estão arrombando os portões do Castelo, mas Caracol não sabe disso! Não temos mais o nosso Caracol! E tu dizias que ele seria feliz, e belo, que casaria com a moça do seu coração ... Ele não conseguiu viver, o nosso Caracol, para desfrutar a felicidade, nem a liberdade!

VOVÓ - (INCLINA-SE SOBRE CARACOL) Filhinho ... ouve, filhinho. Sabes tu das nossas novidades? "A sepultura levou o corcovado, e o pequeno tirou a espada da mão do grande..." Saiu certo conforme a profecia das cartas! Ouves, Caracol?

VERÔNICA - Pensas acaso que ele não morreu, vovôzinha?

VOVÓ - Não sei, donzela, não sei ... A tal espada, dizem que é mágica, não é mesmo ...

VERÔNICA - Ouve, vovô... Silenciou tudo no castelo... Olha, Olha! Os nossos vêm trazendo Guilherme, (marcham Martim, Firene e Ninoche escoltando Guilherme)

MARTIM - Cidadãos! Mestres e aprendizes! Estamos livres! A cidade nos pertence de novo! Quanto a este invasor de outras terras, que vos mandava executar sem julgamento, nós o trouxemos para que vós o julgueis!

VOZES - Viva a cidade livre! Viva a cidade dos mestres artesãos! Abaixo os invasores! Abaixo os traidores!

UMA VOZ - E os dois Mouchérons onde estão? Inde andam escondidos?

NINOCHÉ - É verdade! Todos estão aqui, só faltam eles!

VOZ - Olhai, Olhai - encontraram os Mouchérons! Apareceram! (O POVO ABRE ALAS - DOIS ARMEIROS TRAZEM CLI-CLA E O PAI PARA DIANTE DE MARTIM PEQUENO)

1º ARMEIRO - Eis aqui os fujões, Mestre Martim.

2º ARMEIRO - Nós os apanhamos já bem na saída da cidade!

VOZES - Ah! Os traidores! Ao julgamento!

MOUCHERON - (TIRANDO A CORRENTE DE BURGOMESTRE) Cidadãos! Mestres! Eis a corrente de burgomestre! Até que enfim vejo o dia feliz em que posso devolvê-la ao legítimo burgomestre da cidade! (ENTREGA A CORRENTE A FIRENE) Como fardo pesado pendia esta corrente nos meus velhos ombros ... Eu a estava trazendo para devolver quando estes bravos armeiros me detiveram.

NINOCHÉ - A rapôsa já agita a cauda! Vamos, tu, Clique-Claque, conta direito, para onde estavas indo, tu com o teu pai?

CLI-CLA - Não sei, meu pai falou, "para qualquer lugar, desde que seja bem longe daqui".

MOUCHERON - Não escuteis este palerma! Ele mesmo não sabe o que diz!

CLI-CLA - (OFENDIDO) Sei sim! Tu tinhas medo que cortassem a tua cabeça e eu tinha medo que cortassem a minha. Por isso fugimos ambos!

- MARTIM - Ora vejam, Moucheron, o teu filhinho até que não é tão palerma como pensávamos.
- CLI-CLA - Estais vendo? Sua Alteza o sr. Vice-Rei disse a mesma coisa (RISOS)
- MOUCHERON - Que filho êste! Quando é que já vou me ver livre dêle?
- MARTIM - Logo ambos vos vereis livres um do outro. A rapôsa foi traída pela cauda, e o burro pelas orelhas. Amanhã enfrentareis o Tribunal do Povo. Levai-os para a prisão. E êste Guilherme também.
- GUILHERME - Eu quero que me executem imediatamente.
- VOZES - Vêde só a pressa dêle! Quer morrer logo! Não quer ser julgado!
- GUILHERME - Antes de morrer só faço um pedido.
- MARTIM - Que pedido é êsse?
- GUILHERME - Que eu seja morto pela minha própria espada - e que esta espada se ja posta entre as minhas mãos, depois de morto.
- NINOCHÉ - Como é possível, entregar-lhe a espada mágica? Deixa que esta espada nos sirva a nós agora.
- GUILHERME - Para que precisais dela? Hoje a minha espada perdeu sua fôrça mágica, foi-me arrebatada das mãos por uma criança. Vós mesmos vistes.
- MARTIM - Concordais em atender ao pedido dêste homem, cidadãos?
- VERÔNICA - Cidadãos! Mestres! Permitti que eu também diga uma palavra.
- VOZES - Ouçamos a filha do mestre Firene! Que fale Verônica!
- VERÔNICA - Concidadãos! Caracol foi morto por esta espada. Seu sangue ainda não está sêco na lâmina. Não podemos misturar o sangue de nosso Caracol com o sangue de lobo dêste Guilherme! Se mãos mortas devem segurar o cabo da espada mágica, estas mãos devem ser as de Caracol!
- VOZES - Certo! A môça falou bem! Não daremos a espada a êste Guilherme! Nem morto!
- GUILHERME - Cidadãos! Eu sou vosso prisioneiro! Meu fim está próximo. É o meu último pedido, antes de morrer! Não recuseis o último pedido de um condenado.
- VOVO - (ADIANTA-SE) Tu queres enganar a própria morte, Guilherme? O que está gravado na tua espada mágica? (GUILHERME SE CALA) Obriga-o a responder, Martim!
- MARTIM = Responde, Guilherme! O que está escrito na espada mágica?
- GUILHERME - Está escrito: "Entorto o direito, Endireito o torto".
- VERÔNICA - Só isso? Nada mais está escrito nela?
- GUILHERME - Nada mais.
- CLI-CLA - Tem mais sim! Lá diz também "Levanto o tombado",
- GUILHERME - Cala-te, asno!
- MARTIM - O que significa, "Levanto o tombado?"
- GUILHERME - Não sei.
- VOVO - Não sabes? Pois bem, eu sei. Colocai esta espada nas mãos de Caracol!  
( O POVO SE AFSTA DE MANEIRA QUE CARACOL FIQUE VISIVEL)
- CLICLA - Caracol.... Como é que êle veio parar aqui? Pois se nós o empurramos para dentro do buraco!



TIMOLLE - Vós o empurraste mas eu o tirei para fora!

CLI-CLA - Mas que coisa, êste Caracol! Escapa de qualquer armadilha! Mas desta vez parece que o ajeitaram bem - agora êle não se levanta mais!

VOVÔ - É o que nós vamos ver. Passa para cá a espada de Guilherme, Martim Pequeno!

MARTIM - Aqui está êle! (TIRA A ESPADA DA BAINHA E ENTREGA A VERÔNICA. COLOCA A ESPADA NAS MÃOS DE CARACOL, ÊSTE SE MEXE, SENTA-SE, BOCEJA GOSTOSAMENTE E ESFREGA OS OLHOS)

VOZES - Caracol! Vêde, êle acordou! Caracol está vivo!

MARTIM - Silêncio, cidadãce!

CARACOL - O que é isso? Quanto povo na praça! Será que hoje é dia de festa?

VOZES - Sim, Caracol! É festa! A Festa da Primavera!

CARACOL - Mas é mesmo! Como é que eu fui esquecer! Mas como foi que eu pude adormacer no meio da praça!

FIRENE - Parece que te cansaste muito hoje, Caracol!

CARACOL - Ainda sinto zoeira nos ouvidos e os olhos embaçados ... (PASSA AS MÃOS PELOS OLHOS) Parece-me que tive um sonho agradável...

MARTIM - Hoje todos os nossos sonhos tornaram-se realidade, Caracol! Olha, os portões estão abertos, Guilherme é prisioneiro. Somos livres!

CARACOL - E o Vice-Rei?

VERÔNICA - Então não te lembras, Caracol ?

CARACOL - Lembro ... só que não sei o que foi sonho e o que foi fato... O pequeno Timolle me tirou do fundo do buraco... Isto foi realidade ... Obrigado pequeno Timolle!

TIMOLLE - Nem fales nisso, Caracol!

CARACOL - Então eu fui correndo para a Tôrre do Silêncio, mostrei o anel de sinete aos guardas, e êles soltaram Martim Pequeno e os outros armeiros.

MARTIM - E isso também foi realidade - obrigado, amigo Caracol !

CARACOL - Nem fales nisso, Martim ... Depois ...

VERÔNICA - Depois tu me salvaste a mim, Caracol. E isto também foi realidade.

CARACOL - Sim, E depois... depois eu adormeci ... Devo ter dormido muito; tivestes tempo de libertar a cidade, de aprisionar Guilherme ...

GUILHERME - Misericórdia!

MARTIM - Levai Guilherme e os Moucherons para a prisão, deixai-os bem trancados!

(GUILHERME E OS MOUCHERONS SÃO LEVADOS EMBORA)

CARACOL - (PONDO-SE DE PÉ) Viva a livre cidade dos artesãos ! (ELE NÃO É MAIS CORCUNDA)

VOZES - Vêde, olhai! Não é êle! Não é Caracol!

CARACOL - E quem sou eu então? Não me reconheceis, amigos?

NINOCHE - Cracol, onde está tua corcunda?

CARACOL - Sempre estêve nas minhas costas, e agora ...

VOVÔ - (ATALHA) Agora não está mais, como se nunca tivesse existido. Não é por acaso que a inscrição na espada diz, "endireito o torto". Ela te endireitou.



VOZES - Come êle mudou, o nosso Caracol! Como está belo!

VERÔNICA - Mudou? Para mim êle sempre foi belo.

VOVO - É certo, Verônica. Êle sempre foi belo, mas nem todos o enxergavam. E então Caracol? Saiu tudo de acôrdo com a minha profecia. Não tens mais concunda, e estás belo e feliz, e casarás com a mōça mais linda da cidade.

CARACOL - E será que ela vai me aceitar, a mōça mais linda da cidade?

VOVO - Se eu digo que vai é porque vai mesmo. Não é certo, Verônica?

VERÔNICA - Não sei se a mōça mais linda da cidade se casaria com êle mas eu me casaria.

VOVO - Bem, agora a palavra está com o pai - Mestre Firene ?

FIRENE - Caracol foi meu amigo nos dias amargos. Neste dia de alegria, fico feliz de podê-lo chamar "meu filho".

MARTIM - Que o dia de nossa libertação seja o dia do casamento de Caracol e Verônica! (O POVO GRITA VIVA CARACOL E VERÔNICA E OS CHAPÉUS VOAM PARA O AR)

FIRENE - Mestres e aprendizes! Três dias atrás fomos proibidos de comemorar a Festa da Primavera nesta praça !

NINOCHÉ - Aquele que o proibiu, já está na sepultura!

FIRENE - !Êste será o destino de todo aquele que tentar roubar a nossa honra e a nossa liberdade. Cuidai-as bem, amigos! Guardai-as zelosamente na vossa pátria! Não existe nada mais precioso do que a liberdade e a honra de um povo! E agora, vamos festejar a Festa da Primavera! Acendei os fogos, trazei para a praça os estandartes das corporações! Que os músicos hoje não poupem nem as mãos nem as cordas, nem as bochechas!

MARTIM - E Caracol que cante para nós! Tu cantarás para nós, Caracol?

CARACOL - Eu gostaria, mas receio ter desaprendido a cantar ...

VERÔNICA - Será que é possível ao nosso Caracol desaprender a cantar? Tu cantavas quando a cidade inteira estava em silêncio - será que ficarás silencioso quando a cidade inteira canta?

VOZES - Canta Caracol - Sem canções, uma festa não é festa!

CARACOL - Pois bem, eu tentarei . Mas vós cantareis comigo!

(COMEÇA A CANTAR, O POVO FAZ CÔRO, TODOS CANTAM E DANÇAM)

P A N O

